

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Osmar Santos **9**

APRESENTAÇÃO

Fernando Henrique Cardoso **13**

Paulo Machado de Carvalho **17**

COMENTÁRIOS

César Rosa **21**

Luiz Fernando Magliocca **23**

Paulinho Leite **27**

Brim Filho **29**

Serginho Leite **31**

INTRODUÇÃO À NOVA EDIÇÃO **33**

1 | A história do rádio **37**

2 | Processo da comunicação **66**

3 | A impostação de voz **69**

4 | Locução: produção da voz **72**

5 | Exercícios práticos **79**

6 | Desenvolvendo a voz profissional **98**

7 | Cuidados e prevenções: voz profissional **102**

8 | Voz: combinação dos sons em palavras **109**

9 | Características do rádio **118**

10 | Linguagem do rádio **123**

- 11 | Características da linguagem radiofônica **129**
- 12 | Regionalismo radiofônico **141**
- 13 | Tecnologia se compra, mão-de-obra se forma **147**
- 14 | Iniciação à prática de locução **152**
- 15 | Técnicas de locução **161**
- 16 | Antes de falar **180**
- 17 | Durante a locução **189**
- 18 | O locutor e o microfone **192**
- 19 | O locutor e o estúdio **200**
- 20 | O locutor e o ouvinte **203**
- 21 | Desenvolvimento, criação e apresentação de noticiosos **208**
- 22 | Tipos de locução e definição profissional **212**
- 23 | Os quarenta principais erros de locução **220**
- 24 | Rádio: a magia da transmissão **237**
- 25 | Organização de uma rádio **248**
- 26 | As novas tecnologias chegam ao rádio **256**
- 27 | Estrutura e funcionamento de uma rádio AM/FM **268**
- 28 | Como vender e comercializar no rádio **273**
- 29 | O radialista e a ética **283**

CONSIDERAÇÕES FINAIS 291

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 295

PREFÁCIO

*Osmar Santos*¹

DESDE “GAROTINHO” VIVO DENTRO DESTA COISA MARAVILHOSA CHAMADA RÁDIO. As lembranças começam quando meu pai pedia silêncio em casa para ouvirmos o Repórter Esso, passam pelo meu início na Rádio Oswaldo Cruz e pela Rádio Clube de Marília, estendendo-se pela minha vida numa necessidade cada vez maior de aprimorar aquela coisa que mexia comigo a ponto de optar pelo rádio

¹ Foi trabalhando ao lado de Osmar Santos na Rádio Record de São Paulo que me apaixonei pelo futebol transmitido pelo rádio. Osmar Santos falava até cem palavras por minuto, sem atropelar nem engolir nenhuma palavra ou letra. Sua narração era maravilhosa, uma verdadeira obra-prima. Mas a “perfeição” na fala de Osmar não se resumia à dicção. O locutor usava a dramaticidade para reforçar a narração. Ele atuava como um autêntico mediador do jogo, já que precisava falar da partida para quem não a via, para quem estava no estádio e para os que ligavam a TV e sintonizavam sua narração no rádio. Para isso, Osmar valorizava a partida com muita dramaticidade, chamando constantemente a atenção do ouvinte. Meu respeito pelo Osmar também veio do respeito que ele tinha com o ouvinte, que se manifestava por essa mediação e também pelo carisma que exibia no trato com as pessoas. Osmar Santos se portava da mesma maneira diante de um faxineiro e do presidente da República. Esse carisma foi um dos componentes que o levou a ser o locutor oficial das Diretas-já, movimento popular do início da década de 1980. Foi com as Diretas-já que Osmar se consagrou nacionalmente. O sucesso foi fruto de uma preocupação constante de Osmar: por mais que sempre ressaltasse seu lado paulista, ele procurou um método nacional de narrar, sem sotaque e expressões regionais. Sua maior marca, sem dúvida, era a criatividade. O que o diferenciou dos demais locutores de sua época foram seus jargões. A força das expressões de Osmar pode ser medida pela sua constante utilização: até hoje se fala “ripa na chulipa e pimba na gorduchinha”. Mesmo estando afastado desde 1994, em decorrência de um grave acidente automobilístico, ele mostrou seu apego à vida e ao trabalho. Quis Deus afastá-lo dos microfones, mas não do rádio. A consagração de Osmar Santos como um dos maiores locutores do rádio brasileiro se traduz também no que podemos chamar de “escola Osmar Santos de narração”, representada por locutores que hoje narram as partidas com um estilo muito semelhante ao seu. É com muita honra que recebo, com o prefácio deste livro, a enriquecedora participação do Pai da Matéria. O texto foi redigido em 1989, quando tive a oportunidade de atuar ao seu lado na Rádio Record AM de São Paulo. [N. do A.]

em vez de engenharia. Fazer rádio para mim significa a minha vida, de forma tão ligada que quando começo a falar do rádio começo a falar de mim mesmo.

O rádio é um veículo de comunicação ligado a quase todas as pessoas por ter uma penetração muito grande, por ser de fácil aquisição e também por não tomar as pessoas por inteiro. Você pode dirigir ouvindo rádio, trabalhar, ler, dormir, acordar sem que ele o tome por inteiro. É diferente de pegar um jornal, um livro ou, ainda, assistir à televisão, ocasiões em que a pessoa tem de parar por completo. Sendo assim, sua presença é marcante no cotidiano das pessoas.

Uma carreira dentro do rádio é construída como em qualquer outra profissão: o espírito deve estar preparado para enfrentar as dificuldades da competitividade do nosso meio. E, para fazer frente às dificuldades de qualquer pessoa que se lance a esse meio, devem existir força de vontade, perseverança, criatividade, iniciativa, um pouquinho de sorte e, principalmente, humildade.

O profissional do rádio deve ser transparente para o seu público. Quando errar, deve assumir o seu erro, tentar ser o mais claro possível nas suas ideias e nos seus caminhos, usando muita criatividade; essas coisas têm me norteado durante toda a minha vida.

Sinto, de uma maneira geral, que o rádio no Brasil tem muita carência de material didático. Há muito pouca coisa que fale de sua história e que tenha a facilidade de oferecer às pessoas uma ajuda ou fonte de consulta. Não existem fórmulas ou regras para formar um locutor ou um comunica-

dor. Seria como tentar ensinar uma pessoa a nadar de forma teórica, explicando os movimentos das batidas dos braços e pernas. Com o rádio é a mesma coisa: você tem de mergulhar por completo e se molhar de verdade, sujeitando-se muitas vezes a afogar-se nas frases mal elaboradas. O importante é que você comece na beira para poder chegar ao fundo. Vejo como um trabalho sério a iniciativa de Cyro César de elaborar um livro (*Como falar no rádio*), a fim de servir de apoio a todos aqueles que se propuserem falar no rádio.

Posso dizer que seria o início de uma viagem sem fronteiras ou limitações, na qual um apoio se faz tão necessário.

Setembro de 1989.

APRESENTAÇÃO

*Fernando Henrique Cardoso*²

QUANDO NO CARGO DE PRESIDENTE DA REPÚBLICA, O QUE MAIS ME CHAMOU A ATENÇÃO NO RÁDIO COMO MEIO DE FALAR COM A POPULAÇÃO FOI A POSSIBILIDADE DE FALAR COM CALMA E SEM “RUÍDO”, ou seja, sem que houvesse a interferência de terceiros (jornalistas, militantes etc.). Parecia-me que a população, pelas respostas que recebia depois, prestava mais atenção ao escutar diretamente a voz do presidente.

2 (Fernando Henrique Cardoso foi Presidente do Brasil de 1995 a 2002.) Foi na estante de uma livraria no aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, que deparei com um dos livros publicados pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. O título da obra era *Cartas a um jovem político: para construir um país melhor* (Rio de Janeiro: Alegro, 2006). Chamaram-me a atenção, ao correr os olhos em uma rápida leitura, algumas linhas que mencionavam algo sobre o rádio: “O rádio é mais intimista, é próximo. Permite a quem está ouvindo se sentir mais próximo de quem está falando [...]”. O conteúdo fazia parte do capítulo “Dos símbolos às promessas” (p. 145-6). Continuei, agora mais atento ao texto do ex-presidente, e encontrei uma verdadeira declaração de afeto ao rádio:

“Gosto muito do rádio como meio de comunicação com a opinião pública. Quando a situação estava difícil para mim, para o meu governo, eu contava com o rádio. Ao falar no rádio você fala para as camadas mais desfavorecidas, que precisam entender o sentimento que você tem das coisas. Mesmo que difíceis de entender, mesmo que impopulares. Ao falar ao vivo com os ouvintes, tudo pode acontecer, mas o locutor sempre atenuava a situação. Por isso gosto muito do rádio, pois permite a quem está ouvindo se sentir mais próximo de quem está falando [...].”

Estava na fase de conclusão desta obra e não tive dúvida: os leitores de *Como falar no rádio* precisavam saber um pouco mais sobre os sentimentos de um presidente da República nos momentos em que se comunicava com a população por meio do rádio. Entrei em contato com a assessoria de Fernando Henrique Cardoso e qual não foi minha surpresa quando sua participação nesta obra foi confirmada. O livro é uma espécie de fiel depositário das experiências de quem o escreve. Por meio das palavras revelamos ao leitor os caminhos dos nossos pensamentos. Em suas páginas deixamos como que uma impressão digital dos nossos sentimentos. [N. do A.]

Há diferenças entre falar ao povo brasileiro pelo rádio e por meio de outros veículos da mídia. No rádio não se “prepara” a conversa, como na TV ou nos jornais. Ela é mais espontânea e mais “quente”.

É grande a importância e a responsabilidade social do futuro radialista na formação da opinião pública. O radialista é uma espécie de tradutor das questões complexas (da economia, da política, do país e do mundo) para o grande público. Eu costumo ouvir os comunicadores de rádio entrevistando ou comentando fatos. Alguns têm uma enorme competência para explicitar o que o entrevistado disse de modo confuso ou para comentar de modo simples e direto acontecimentos de difícil apreensão pelo grande público.

É de suma importância usar o poder da comunicação de um microfone de rádio com ética, bom senso e coerência. É imensa a responsabilidade social do locutor diante da tarefa gigantesca de enraizarmos os valores democráticos. Na difusão da cultura democrática, a ética, o sentido comum e a coerência são requisitos imprescindíveis para que os homens do rádio cumpram seu papel social.

O radialista, quando fala para as pessoas que vivem em grandes centros do país ou para as populações que vivem em localidades afastadas e menos favorecidas, precisa ter o conhecimento de que não basta ter sensibilidade social e registrar o drama humano. É preciso desvendar as causas disso e mostrar à população que o sentimento de solidariedade, junto com a competência para resolver as questões, deve estar sempre presente.

O autor me pediu que dirigisse algumas palavras aos jovens estudantes de comunicação, futuros radialistas, profissionais atuantes e pessoas que sonham um dia falar num microfone de rádio. Sejam humildes para aprender o que ainda não sabem e se preparem para compartilhar o que vierem a saber, expressando-se de modo direto, simples e veraz, para que a maioria se beneficie de seus conhecimentos.

No entanto, diria aos radialistas que fazem do rádio um meio para chegar algum dia a um cargo público em nosso país que é mais importante ser um bom comunicador do que se perder nos escaninhos da vida parlamentar, desligando-se do contato diário com o público que o rádio permite.

Abril de 2008.

APRESENTAÇÃO

*Paulo Machado de Carvalho*³

A IMPRESSÃO QUE TIVE É DE QUE CYRO CÉSAR TEVE MUITO CUIDADO AO ELABORAR ESTA OBRA DENTRO DE UMA TRILHA CERTA, POIS, NO RÁDIO DO MEU TEMPO, OS PROFISSIONAIS SE FIZERAM SOZINHOS DIANTE DAS DIFICULDADES QUE LHES ERAM IMPOSTAS. Em 1931, tinha eu 30 anos de idade e, para horror da minha mãe, dona Brasília, comprei uma rádio meio falida no número 17 da Praça da República, por 25 contos de réis. Não tinha nenhum conhecimento do que era rádio, tampouco que na época era um negócio incipiente. Nunca tinha visto um microfone em minha vida quando entrei nas salinhas aca-

3 (Paulo Machado de Carvalho, fundador da Rádio e Televisão Record de São Paulo, faleceu em 1992.) Foi trabalhando na Rádio Record que pude descobrir o verdadeiro sentido que o rádio tem para as pessoas – um amigo, fiel companheiro e catalisador de expectativas. Ao cumprir meu horário nos microfones da FM Record, ficava perambulando pelos corredores da emissora no setor de AM, para disfarçadamente observar através dos vidros dos estúdios os ícones do rádio da época. Afinal, a Record tinha em seu elenco os grandes nomes do rádio. Isso me fazia lembrar dos meus tempos de tiete nos corredores da Rádio Excelsior, na rua das Palmeiras, em São Paulo. Matava aulas no colégio para colar a ponta do meu nariz nos vidros que dividiam os aquários dos estúdios da emissora. Trabalhar na Record era sem dúvida a realização de um dos meus sonhos. Era fantástico encontrar nos corredores da rádio o doutor Paulo, que sempre tinha uma boa história sobre o rádio para contar nas rodinhas dos funcionários que se formavam à sua volta. Ter seu depoimento neste livro, confesso ao leitor, foi resultado de um gesto de coragem; afinal, quem era aquele funcionário da frequência modulada que estava escrevendo um livro sobre rádio? Enfim, graças aos meus diretores na época, Edson Guerra e Francisco Paes de Barros, fiquei frente a frente com o doutor Paulo. Meio tenso e desajeitado pude constatar, depois dos primeiros instantes de conversa, que ele realmente era aquela pessoa acessível, generosa e apaixonada por rádio de que todos falavam. [N. do A.]

nhadas e escuras da emissora para conferir, no meio do pó acumulado, o que havia comprado. No início, tive a sorte de conhecer grandes pessoas que me ajudaram a erguer uma rádio que na época foi chamada de “Voz de São Paulo”. Eram anos turbulentos aqueles, e soubemos aproveitar bem o Movimento Constitucionalista de 1932. A Rádio Record tornou-se uma rádio-modelo, com audiência e prestígio, graças a uma programação moderna e popular. No início optei por fazer uma rádio que, quando chegasse aos ouvidos de quem a escutasse, fosse direto ao coração.

Tivemos grandes locutores, como César Ladeira e Nicolau Tuma, que me ajudaram a criar noticiários jornalísticos, programas sobre futebol. Trouxemos a São Paulo os grandes nomes da música popular da época, estrelas do calibre de Carmen Miranda e Orlando Silva. Da parte artística da emissora, escrevendo programas, cuidavam outras duas jovens revelações: os redatores Otávio Gabus Mendes e Raul Duarte.

Assim eram o rádio e seus profissionais no início. Olhando para tudo isso, sinto-me uma pessoa responsável por alguma coisa boa que tenha acontecido no rádio, pois tive a oportunidade, depois de Roquette Pinto, de ter a Record como a segunda rádio no Brasil.

Durante todo esse tempo vivemos muita coisa boa com muitos profissionais e ouvintes; afinal, cinquenta anos de rádio me ensinaram que um profissional não se faz do dia para a noite. É preciso ter muita dedicação, amor ao trabalho e força de vontade, pois falar não é apenas um dom, é

um conjunto de esforços reunidos em torno de um sonho e de um ideal.

Espero que tudo que foi escrito neste livro não seja perpetuado apenas nas páginas, mas também na memória das pessoas, porque o rádio é a lembrança viva do esforço de uma geração que sonhou e acreditou em uma história a ser escrita.

Setembro de 1989.

comentários



CÉSAR ROSA⁴

Conhecimento é um prazer, como o são também aprender e crescer... Falar não é apenas um mexer de lábios; palavras o vento leva... Saber falar, o que falar, como falar, na verdade é resultado de um somatório de fatos, situações, que se acumulam ao longo do tempo. *Como falar no rádio* reúne algumas fórmulas de experimentação mais recente, sobretudo no rádio paulista. Diga-se de passagem, os profissionais do rádio, hoje, têm as formações mais diversas que se possa imaginar, e acredito eu que Cyro César, com seu jeito pacato, tranquilo e persistente, conseguiu colocar no papel aquilo que tantas vezes falamos em bate-papos informais, mas que ficou solto no ar. *Como falar no rádio* não pretende dar aulas, mas sim contar experiências e mostrar exercícios, que colaborarão com o falar e certamente acrescentarão bons métodos a ele. Vamos

⁴ César Rosa representa o surgimento de uma nova geração de locutores da década de 1980. Seu estilo hoje é imitado por muitos no Brasil; atribuo a ele a importância de um dos maiores nomes do rádio brasileiro, não apenas por sua técnica, qualidade de voz e postura diante do microfone, mas também por ele conseguir reunir tudo isso sendo um grande ser humano – característica que você certamente vai observar nos grandes profissionais. O locutor sempre será no ar o que ele é como pessoa. César Rosa é daqueles profissionais que, apesar dos cargos importantes que já ocupou em grandes emissoras por onde passou, tanto no Brasil como no exterior, sempre souberam conservar a calma e o dinamismo bem sintonizados. Aliás, sintonia é uma palavra sempre presente no seu vocabulário.

acertar a sintonia... A seguir “ouviremos” *Como falar no rádio*, executado por Cyro César, que o oferece a todos os ouvintes, digo, leitores, como prova de muito carinho e dedicação. No ar...

Junho de 1988.



LUIZ FERNANDO MAGLIOCCA⁵

Falar! O ato da fala... O dom de se comunicar. A maravilha que significa o diálogo. Será que a gente leva tudo isso a sério? Sim, porque, na realidade, só os privilegiados seres humanos têm a possibilidade de se comunicar com palavras e fazer delas o melhor uso possível para transmitir ideias, conceitos, informações, instrução, educação etc.

Nós temos a chance de dizer coisas e, por meio delas, passar uma série de outras coisas nas chamadas entrelinhas, nas trocas de parágrafos, na construção de frases e em uma série de outros artifícios gramaticais. Mas o nosso negócio é a fala, a linguagem falada, mediante esse incrível veículo que não mede distância, não se preocupa com barreiras ideológicas, linguísticas ou mesmo culturais; um veículo que participa da vida do ser humano durante as 24 horas do dia e está presente nos locais mais absurdos, sempre falan-

⁵ Aqueles que conhecem Luiz Fernando Magliocca pessoalmente sabem que ele sempre foi um mestre na arte de fazer rádio. De alguma maneira, os que não o conheceram de perto já ouviram um pouco do seu trabalho, porque Magliocca trouxe para as grandes emissoras de rádio onde trabalhou os formatos de programação que deram certo e ainda hoje estão no ar. Trabalhar ao lado de Luiz Fernando sempre foi um constante aprendizado de ética, competência e profissionalismo. É um chefe sempre exigente, pronto e presente. Como ser humano, é sensível, solícito e justo. Importante nome da comunicação brasileira, tem sua vida profissional marcada por inovações. Foi um dos responsáveis pela criação da 89 FM de São Paulo e passou pelas rádios Excelsior, Jovem Pan, Cidade, Bandeirantes, Transamérica, Capital, entre tantas outras. [N. do A.]

do, cantando, informando, enfim, fazendo companhia. O rádio, esse misterioso aparelho eletrônico, vicia, cria hábito, dá empregos, satisfaz enormes vaidades, projeta nomes, descobre talentos, elege representantes do povo e, entre outras coisas, “fala” para seus inúmeros, milhares, incógnitos e importantes ouvintes. Será que essa fala é “produzida”, estudada, planejada? Será que é muito importante ir ao microfone sabendo o que falar? Ou o tão decantado improvisado é mais “comunicativo”? Na realidade, não existem respostas prontas para uma ou outra opção, ambas são válidas. O que importa é ter noção do que será falado.

Na maioria das vezes, aqueles comunicadores que têm o dom da palavra conseguem sair-se bem pela eloquência, e até convencem, em certas ocasiões. Entretanto, aqueles que, além de terem o dom da oratória, preocupam-se em ler e acompanhar o desenvolvimento do dia-a-dia e têm vontade de saber e crescer cada vez mais têm muito mais chance de vencer e permanecer nesse mercado que é cheio de altos e baixos. Embora o assunto beire os limites da carentice, acho importante analisá-lo mais profundamente, pois a experiência tem demonstrado graves deficiências nessa área. Fazendo uma breve comparação com outras artes (e o rádio não deixa de ser uma delas), observamos que o ator não entra em cena sem ter o texto decorado; o ator de TV, normalmente, ao gravar uma cena de novela, está com o diálogo na ponta da língua, maquiagem feita e preparado para encarnar o personagem que lhe foi destinado; muitos artistas, como os cantores, concentram-se

antes do show, procurando fazer algum tipo de relaxamento etc.

Pergunto: o que faz o nosso amigo radialista ou, melhor, locutor antes de entrar no ar? Momentos antes daquela famosa “passagem de horário”, existe alguma preparação? É feito algum “relaxamento” ou é dedicado algum tempo à “concentração”? Alguém se preocupa com a “maquiagem” antes de entrar em “cena”?

Pois bem, gostaria que este texto servisse como uma mensagem para os que estão e para os que vêm. Depois de trinta anos nesta batalha de testar, treinar, orientar locutores, produtores, programadores, temos observado que só ficam, só são marcantes, aqueles que têm algo a dizer, que trazem do berço alguma coisa além da bela voz ou do esperto jeito de falar. Continuo achando que o conteúdo é mais importante do que a forma. Se pudermos aliar ou conciliar um grande conteúdo a uma excelente performance, tanto melhor, teremos um profissional bem próximo da perfeição. Se você analisar o que ocorre normalmente, em especial nas emissoras de FM, em todo o país, vai encontrar aquilo que se convencionou chamar de “mesmice”, ou seja, o ouvinte só reconhece ou destaca a voz daquele profissional que tem algo especial a oferecer, pois os demais ou falam da mesma maneira, ou procuram imitar alguns dos próprios ídolos, ou usam o mesmo esquema de fala, as mesmas inflexões, os mesmos textos e assim por diante. Fica, no final da mensagem, a torcida para que você que vai seguir a carreira se preocupe com você mesmo, com o

seu crescimento interno, com a sua mente. Só quem tem conteúdo pode passar algo para outra pessoa. Só quem está convencido de uma verdade tem capacidade para “vender” ideias para outros seres humanos. Só quem tem bagagem pode fazer uma longa viagem e deixar uma impressão positiva nos lugares por onde passou. Leve a sério a carreira. Leve a sério a mensagem que você pretende passar. Lembre-se de que, do outro lado do rádio, existem milhares de pessoas levando a sério o que você está dizendo. Não é difícil vencer, o sucesso caminha paralelamente ao trabalho sério e honesto. E o encontro é fatal. Procure conhecer o seu público, fale com ele. Em pouco tempo você descobrirá que... fazer rádio é mexer com a emoção das pessoas...



PAULINHO LEITE⁶

A radiodifusão brasileira experimentou, nos últimos anos, um desenvolvimento extraordinário. Foram inauguradas centenas de novas emissoras por todo o país, principalmente emissoras de frequência modulada (FM). Todo esse crescimento deixou à mostra a carência de bons profissionais em todas as áreas. A área de locução, em especial, tem atraído muita gente, gente que sofre com a falta de cursos e publicações sobre radiodifusão em nosso país. É bem verdade que já existem alguns bons cursos para locutores, mas o número de cidades onde eles estão instalados ainda é pequeno.

Por isso, o lançamento deste livro é muito importante. Cyro César, além de locutor em emissoras de São Paulo, tem muita experiência como professor, experiência que ele passa nas páginas deste manual. Os assuntos abordados são variados, a linguagem é leve e direta. Evidentemente, ninguém vai se transformar num astro do rádio logo após ler este livro (nem foi essa a intenção do autor), mas o leitor

⁶ Paulinho Leite é radialista e jornalista. Iniciou a carreira na TV em 1973, passando pela Rede Globo, TV Bandeirantes e CNT/Gazeta. Trabalhou também nas rádios Cidade, Jovem Pan, Excelsior, Bandeirantes e Metropolitana, entre outras. Atuou como docente de prática de locução em rádio na Rádioficina de São Paulo. Vive nos Estados Unidos desde 1992, onde desenvolveu uma sólida carreira como produtor e professor de rádio. [N. do A.]

vai seguramente ter condições de realizar um trabalho bem mais consistente.

Como um dos pioneiros da locução em emissoras de FM no Brasil, eu gostaria de deixar aqui um incentivo a todos os que estão ingressando agora no rádio. Como todo profissional brasileiro, o radialista trabalha muito e nem sempre ganha o que merece, mas tem uma recompensa que poucos profissionais de outras áreas conseguem obter: o reconhecimento de seu trabalho por parte de um público cada vez maior. E isso não há salário que pague.

Parabéns ao Cyro César pelo lançamento deste livro, que espero ser o primeiro de uma série. Com seu trabalho pioneiro, ele abre espaço para que outros profissionais do rádio passem para o papel um pouco do que aprenderam em seus anos de trabalho. Assim, o rádio brasileiro poderá tornar-se ainda mais importante do que já é.

Agosto de 1989.



BRIM FILHO⁷

Do alto dos meus mais de sessenta anos de rádio, só posso ver com bons olhos, e ouvidos também, a publicação de um livro que aborda um dos pontos primordiais do maravilhoso engenho de Marconi: a locução. A literatura sobre assuntos do sem-fio é reduzidíssima, ainda mais na parte didática. Confesso que os segredos do microfone – um dos quais a arte de falar – são principalmente desvendados no contato direto com ele. Porém, um bom livro poderá ajudar muito aqueles que abraçam uma das mais importantes expressões da comunicabilidade. Nos tempos de antanho não era tão difícil praticar a locução. Naqueles dias, quando o locutor era tratado pelo pomposo nome de *speaker*, os “serviços de alto-falantes” exerciam a função de escolas. Eram verdadeiras emissoras em miniatura. Os alto-falantes, também chamados de bocas, ficavam localizados em pontos estratégicos: abrigos de ônibus e bondes, praças, barbearias e cafés. Onde houvesse

⁷ Brim Filho deixou-nos há alguns anos, no entanto seu legado permanece entre nós. Dono de uma voz poderosamente grave, marcante e enfática nos noticiários, doou-se integralmente para as emissoras em que trabalhou. Foi professor da extinta Escola de Rádio e TV, formando uma das primeiras damas da televisão brasileira: Vida Alves. Ministrou, na década de 1960, aulas a funcionários da Lintas do Brasil. Atuou como locutor, animador, noticiário e comentarista de esportes em mais de uma dezena de estações de rádio e televisão nacionais. Foi locutor, coordenador e selecionador de locutores da Rádio Jovem Pan de São Paulo. [N. do A.]

boa afluência pública e proteção contra a chuva, alto-falantes propagavam música, notícias, conselhos úteis e reclamações (como eram então denominados os anúncios). Havia um estúdio igual ao das emissoras de rádio. E quando faltava um operador nós fazíamos o mesmo que os atuais comunicadores de FM: locução e áudio. Do transmissor de som, espalhava-se uma rede de fios em direção às “bocas”. Única diferença de uma emissora de rádio para um serviço de alto-falantes: este não possuía ondas hertzianas. Assim, meus amigos, foi que me “formei” em locução: fazendo o “primário, ginásio e colegial” radiofônico naquele circuito sonoro de delimitada audiência. Nos grandes centros já não existem tais projetores de som. Aqueles que almejam atuar no rádio necessitam ingressar numa escola específica. E, para as escolas, é preciso haver mestres e livros; que seja este um deles, a forjar ou lapidar novos valores. Que aprendam com ele a respirar, a articular bem os termos, a dar projeção ou colocação oral, a ter ritmo, a valorizar o vocabulário com uma boa dicção. Enfim, que aprendam um conjunto de fatores e predicados que dará à voz veemência, colorido, harmonia, sentido, vida e, conseqüentemente, que dará às palavras beleza, sinceridade, distinção e expressividade nas mais diversas manifestações da alma, do pensamento e do coração.

Outubro de 1989.



SERGINHO LEITE⁸

Todo começo tem suas dificuldades, principalmente se a atividade envolve certa habilidade.

Tenho sempre comigo uma coisa: toda vez que se abre o microfone, é preciso saber o que vai ser falado. O raciocínio já deve estar produzido, organizado, para que não falte segurança. Devemos pensar que somos a primeira página do jornal para o ouvinte, devemos passar credibilidade.

Uma coisa importante para o locutor, mais do que a voz, mais do que a rapidez de raciocínio, é um bom preparo cultural. *Como falar no rádio* é um livro que com certeza vai trazer a você o conhecimento de muitos anos, de uma “moçada” que bateu cabeça, acertou e errou muitas vezes no ar...

Acredito que, se o livro for levado a sério, com certeza você vai se dar bem. Depende apenas de você achar seu estilo, que é condição *sine qua non* para o seu sucesso no rádio.

Quando trabalhei na Rádio Jovem Pan 2, eu ia, após o meu horário, ao terraço do prédio e olhava lá de cima para a cidade, imaginando que do alto da antena da rádio saía

⁸ Serginho Leite é radialista, humorista e músico. Com uma sólida carreira no rádio, conquistou um espaço que poucos apresentadores conseguem no Brasil. Seu agudo senso de humor o tornou conhecido no *Show de Rádio*, programa em que iniciou sua carreira (então, na Rádio Capital de São Paulo). Sempre fez rádio do jeito que gosta: futebol misturado com boa música e entrevistas. Marcou seu nome na história do rádio FM paulista, tendo passado pelas rádios Jovem Pan, Cidade e Globo FM.

um grande guarda-chuva de ondas que abraçavam São Paulo, dando informações, tocando músicas, acordando as pessoas, com o rádio influenciando, de certa forma, o dia-a-dia delas.

O rádio deve ser encarado de forma muito séria, só assim você vai realizar o que quer. E tem mais: se um dia você estiver no ar, procure fazer do rádio a sua maior responsabilidade, porque as pessoas acreditam demais em você.

Agosto de 1989.

INTRODUÇÃO À NOVA EDIÇÃO

Um segundo no rádio é uma eternidade no ar.

CYRO CÉSAR

PENSE COMIGO NO QUE PODEMOS FAZER EM UM SEGUNDO. DEPENDENDO DO MOMENTO E DO LOCAL, TALVEZ HAJA TEMPO PARA UM SUSPIRO CURTO, UMAS DUAS PISCADAS OU ATÉ MESMO UMA RÁPIDA OLHADA ATÉ ONDE OS OLHOS ALCANCEM. Se pensarmos como Einstein, nossas perspectivas aumentam, pois ele constatou que o tempo é relativo, conforme local e ponto de vista do observador.

Com base nessa perspectiva, as coisas podem ser o que realmente não são. Veja o caso de uma noite estrelada, por exemplo: ao olharmos para o firmamento, observaremos o brilho de milhões de estrelas; várias talvez já não existam mais, mas a luz emitida por elas ainda chega até nós. Isso quer dizer que estamos olhando no presente para o passado. Sabe, é isso que me inquieta, o relativo.

Um segundo no rádio pode ser utilizado com eficiência ou com descuido. Quando se abre o microfone e a luzinha vermelha do estúdio acende, muita coisa pode ser dita de um movimento a outro do pêndulo de um relógio. Esse segundo pode se tornar uma eternidade para quem não tem nada a dizer. No entanto, pode fazer a diferença e valer uma

vida se você disser a coisa certa, na hora certa, para a pessoa certa. Assim, aproveita-se cada valioso segundo no rádio. A palavra falada pode durar um segundo quando o assunto não lhe interessa ou levar anos para terminar quando o seu desejo de saber é despertado.

Este livro tem por objetivo transmitir algumas experiências da minha carreira como locutor de rádio em São Paulo. Procurei elaborá-lo de forma a trazer ao leitor um conhecimento geral das técnicas de locução no rádio, um dos mais empolgantes veículos de comunicação que faz parte do cotidiano das pessoas. A vivência no rádio me mostrou que o melhor professor é o tempo e a melhor escola é a busca do conhecimento.

Esta obra não tem a pretensão de suplantar os conceitos já estabelecidos por grandes mestres em comunicação e por colegas profissionais, mas sim de externar de maneira objetiva os conhecimentos adquiridos durante a minha experiência como professor e profissional de rádio.

Desde sua primeira edição, muitas coisas mudaram no mundo das comunicações e, por conseguinte, na radiodifusão brasileira.

O amigo leitor não imagina quanto me satisfiz, durante esses anos todos, responder a um grande número de cartas vindas de várias partes do Brasil, e até de outros países de língua portuguesa, nas quais os leitores contaram como o conteúdo desta obra colaborou para seu aprendizado, sua formação pessoal e profissional e — por que não dizer? — a realização de muitos de seus sonhos.

Procuro proporcionar ao leitor, nas páginas a seguir, uma viagem ao mundo do rádio. Nos dois primeiros capítulos, abordaremos a história da sua chegada ao Brasil, suas influências sociais, políticas e econômicas na vida brasileira. Do capítulo 3 ao capítulo 8, trataremos da voz profissional, de sua produção, seu desenvolvimento, de cuidados e prevenções, apresentando inúmeros exercícios práticos. Do capítulo 9 ao 12, avaliaremos as características do rádio, suas linguagens e sua presença no regionalismo nacional.

Abordaremos, do capítulo 13 ao 23, a formação do locutor, as técnicas diante do microfone e no estúdio, a postura do profissional antes, durante e depois da fala, os tipos de locução, a definição profissional e os quarenta erros mais presentes na locução radiofônica. Do capítulo 24 ao capítulo 27, o leitor vai conhecer, além das novas tecnologias, a estrutura de funcionamento de uma emissora de rádio, sua organização e a magia de uma transmissão radiofônica. Nos capítulos 28 e 29, mostraremos o lado comercial do rádio, apresentando técnicas de vendas, captação de anunciantes e patrocínio.

A presente edição de *Como falar no rádio* foi atualizada e acrescida de alguns assuntos bem oportunos. Em face das transformações que vivemos, vejo o conhecimento e a informação como os principais diferenciais para uma boa colocação profissional. Espero, assim, poder colaborar com o mercado e o rádio, assim como com os seus futuros profissionais.

1 A HISTÓRIA DO RÁDIO



VEJO A HISTÓRIA DO RÁDIO COMO UMA SETA QUE ATRAVESSA O TEMPO, PASSANDO PELAS ERAS TECNOLÓGICAS DE FORMA LINEAR E VELOZ, COM UM PRESENTE QUE SE ESVAI COMO A AREIA DENTRO DE UMA AMPULHETA. VIVEMOS A ERA DOS MOMENTOS, QUE SE INSTALOU HÁ NÃO MUITO TEMPO.

Os mais relevantes acontecimentos recentes foram frutos das duas últimas grandes revoluções: a industrial e a científica, que nos proporcionaram meios de chegar a lugares onde, na realidade, não estamos de corpo presente. Digitalização dos equipamentos, aperfeiçoamento dos processos da informática, grande aumento da velocidade da informação devido à internet, criação das redes via satélite, do rádio digital e o próprio processo de globalização da economia mundial provocaram profundas mudanças no mercado radiofônico.

O rádio brasileiro imprime na sua história uma trajetória atribulada, chegando-se a duvidar de sua sobrevivência quando do surgimento da televisão em 1950. No entanto, mostrou aos apregoadores do fim que, mesmo com todas as dificuldades, possui uma enorme capacidade de superação.